

Letras

de Primeira Viagem

CRÔNICAS

Amanda Bella

César Charliane Cleane Cristina

Dejanil Dhecih Diana Eduardo

Elem Gianni Héder Hellen Holene

Jonivaldo Karina Kelly Kettelen Laise Layse

Mayara Nobuyasu Paula Rafaelly Raquel

Renaldo Ronivaldo Vilma Vinicius



Letras de primeira viagem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ

Coordenador
Doriedson do Socorro Rodrigues

Vice-Coordenador
José Domingos Fernandes Barra

FACULDADE DE LINGUAGEM

Diretor
Jorge Domingues Lopes

Vice-Diretora
Raquel Maria da Silva Costa

Endereço
Trav. Padre Antônio franco, 2617, bairro da Matinha
CEP 68400-000 Cametá- PA

Letras

de primeira viagem

CRÔNICAS

autores

*Amanda Bella César Charliane Cleane Cristina
Dejanil Dhecik Diana Eduardo Elem
Gianni Héder Hellen Holene Jonivaldo
Karina Kelly Kettelen Laise Layse
Mayara Nobuyasu Paula Rafaelly Raquel
Renaldo Ronivaldo Vilma Vinicius*



CUNTINS/UFPA

Organização e coordenação editorial

Jorge D. Lopes

Ilustrações da obra

Nobuyasu da Silva Irie

Cada texto desta coletânea é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, que autorizaram sua publicação neste livro, sob uma Licença Creative Commons- Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L645I Turma de Letras 2014 Cametá/UFPA
Letras de primeira viagem / Turma de Letras 2014. –
Cametá, PA: Campus Universitário do Tocantins/Cametá,
2016.

36 p. ; 21 cm.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Lopes, Jorge D.
(Org). II. Vários autores. III. Título.

SUMÁRIO

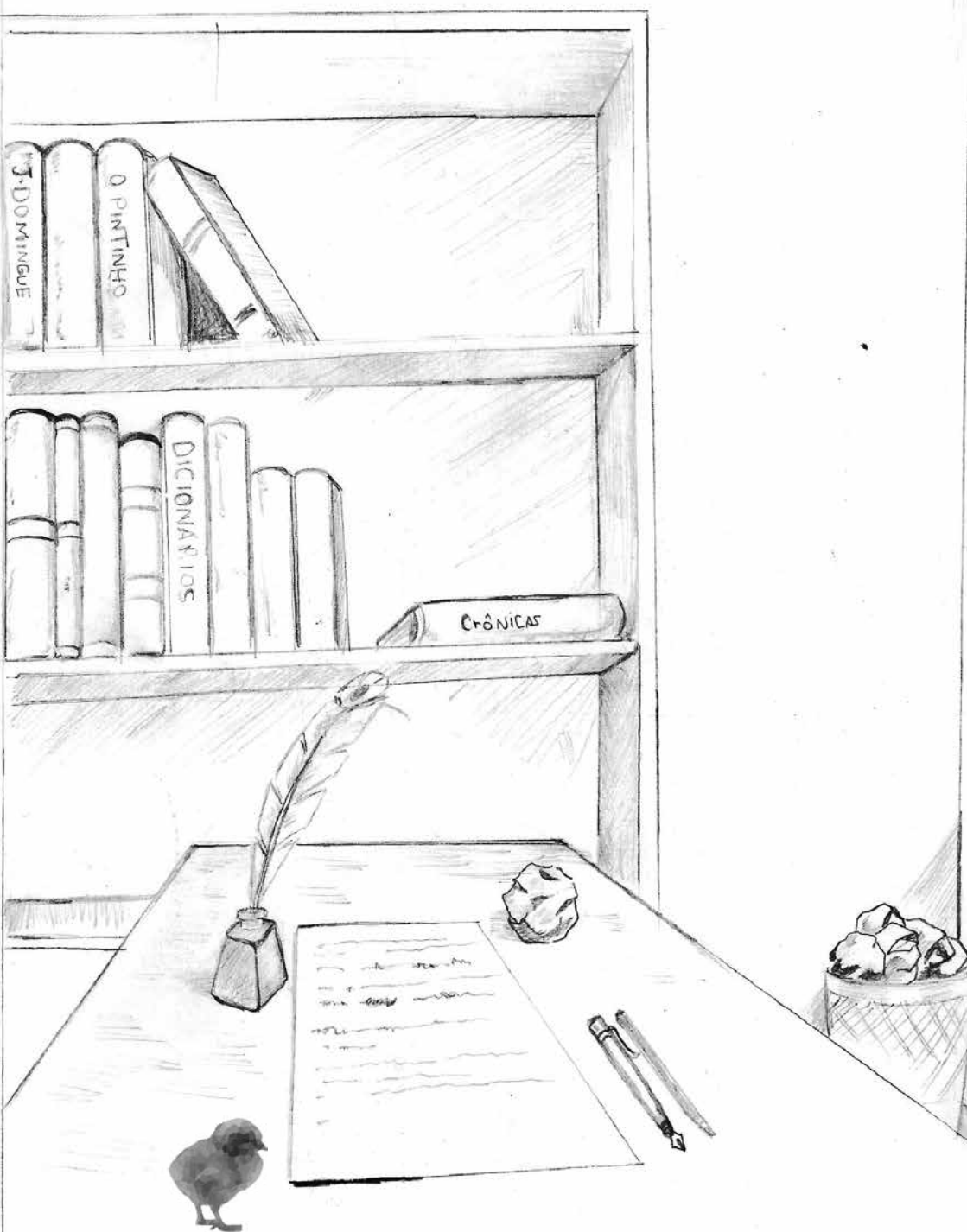
APRESENTAÇÃO	7
A CARTEIRA	11
Eduardo Silva da Silva	
Ronivaldo Marques Braga	
A HISTÓRIA DE UM BIFE	13
Jonivaldo Souza de Melo	
Raimundo César Valente Coelho	
A NOITE INESQUECÍVEL	17
Charliane da Silva Santiago	
Tássia Mayara Tavares Sanches	
ALGUMAS MOEDINHAS	21
Raquel Assunção Pantoja	
Vinicius da Silva Pinto	
ALMA DE CRIANÇA	23
Holene Carvalho Almeida	
Kéttelen Mayara Tavares Brito	
As FLORES	25
Amanda Ingrid Nogueira Freitas	
Dhecik Caroline Duarte	
CUMPLICIDADE	27
Dejanil Machado Arnaud	
Elem Mendes Gonçalves	
DA DESCONSTRUÇÃO DE SENTIMENTOS	31
Maria Cleane Almeida Baia	
Nobuyasu da Silva Irie	

DROGA DE PRECONCEITO!	35
Laíse Alves Meireles	
Vilma Leão Santos	
MALDITA BLUSA	37
Layse Grazielle Rodrigues Rodrigues	
Paula Camila Marques do Carmo	
O LAÇO DE FITA	39
Rafaelly Ramos	
O NAMORO	41
Diana Vanessa da Silva Fernandes	
Héder Sousa Dias	
O VIZINHO	43
Gianni Silva Ribeiro	
Renaldo Barroso Mendonça	
PEQUENA LIÇÃO	45
Hellen Carla Cordeiro Cardoso	
Kelly Cristina Viana dos Santos	
UMA DOR NO VAZIO	49
(Bella) Josenyr Lima dos Santos	
Karina Pereira Castro	

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne textos escritos por estudantes do Curso de Graduação em Letras do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (Turma de 2014), durante o período em que ministrei para eles a disciplina *Compreensão e Produção Escrita em Português*. Esses alunos aceitaram o desafio de transcender os limites da disciplina e fixar no papel textos que eles escreveram como ensaios do gênero literário crônica. Caminho de incertezas, de avanços e recuos por trilhas novas, desvelando direções do ser, humano ou não. Aliás, esses jovens escritores, escrevendo sob diferentes perspectivas, iniciaram diferentes jornadas que os levaram a lugares tão diversos, mas todos interessantes, convidando-nos a continuar com eles o caminho das letras de suas primeiras viagens.

Prof. Jorge Domingues Lopes



CRÔNICAS

In memoriam ao pintinho, para quem
“a primeira e única manifestação de vida”
só aconteceu no momento de sua morte.



A carteira

Eduardo Silva da Silva
Ronivaldo Marques Braga

Era uma manhã de segunda-feira, caminhava serenamente pelas ruas da cidade com o propósito de chegar à padaria, ao mesmo tempo em que ouvia músicas pelo fone de ouvido, lembrando-me do tempo em que morava no interior.

Após ter caminhado por alguns minutos, percebi que estava sendo seguido por um homem que caminhava apressadamente em minha direção. Ao perceber seus longos passos, comecei a ficar com medo, porque, provavelmente, iria ser abordado por ele, além disso o mesmo gesticulava como se pretendesse tirar algo do seu bolso e, nesse momento, fui dominado pelo pavor, porque pensei que se tratava de uma arma.

As ruas estavam quase desertas, o céu meio nublado, cenário que só aumentava o meu pavor; foi aí que resolvi correr desesperadamente tentando distanciar-me o máximo possível daquele homem, mas ele correu também e conseguiu

me alcançar, pondo suas mãos pesadas em meus ombros.

Só podia ser um assalto, pensei, e imediatamente entreguei o celular e o fone de ouvido.

Para minha surpresa e alívio ele recusou meus pertences, explicando-me que tudo não passava de um mal entendido, pois apenas pretendia entregar-me a minha carteira que tinha caído do meu bolso enquanto caminhava.

A história de um bife

Jonivaldo Souza de Melo
Raimundo César Valente Coelho

Apenas um jeito natural de procriarem, na época das chuvas, nos campos, as mulheres entram no cio e os homens fazem o que tem que fazer, aparentemente um ciclo natural da vida. Depois de dez meses, a criança nasce e inicia sua existência. Pelos próximos sete meses, na área de aleitamento, ela será amamentada e vacinada, esta é a única vez que ela terá contato com a sua matriz genética. Terminada esta fase, a mulher que o gerara, volta ao campo para começar outro ciclo e a criança, agora independente, começa a fase de engorda.

Já no campo, pelos próximos dois anos e meio, a criança levará a vida que pediu a Deus. Vai comer, beber, interagir com seus companheiros de cerca e, ao se tornar adulto, também fará criancinhas, sem preocupar-se com nada, tendo como única obrigação engordar muito. Durante esse tempo, no local onde ela passou a maior parte de sua vida, muita coisa

aconteceu, muitos amigos se foram e muitos outros vieram, ela sempre estava tomando remédios, só sabia que a ajudava no crescimento (de fato ajudava, mal sabia ela que estava recebendo hormônio de seu proprietário para crescer mais rápido) e que vinha através de uma haste de metal pontiaguda, que lhe causava dor desgraçada.

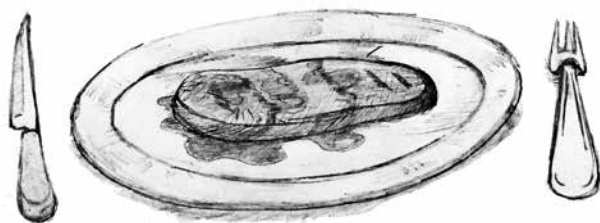
Depois desse período, com o tempo do abate se aproximando, a engorda é, então, acelerada. O agora já homem é castrado e, para não perder peso, passa quase três meses sem andar pelo campo. Embora a dor, de perder uma parte de seu órgão genital o incomodasse, tudo foi superado, pois, agora, sua alimentação era de primeira: cereais, vitaminas e sais (tolo ingênuo, não sabia o que lhe aguardava). É imprescindível estipular o peso de uma morte, nesse caso, para o homem, a morte pesou 450 quilos (coitado, morreu pela boca). Ao atingir esse peso, ele foi enviado ao calvário, junto a outros homens, mansamente, dentro de gaiolas apertadas e escuras, bem diferentes dos campos espaçosos e claros onde vivia. Durante a viagem, às vezes muito estressante, o homem não viu outra opção, a não ser urinar ali mesmo. Estava quente e ele suava mais que o normal, tanto que muitos companheiros de cela não resistiram, muitos se machucaram, o homem nada podia fazer, só perguntar-se por que aquilo estava acontecendo.

De repente, as coisas mudaram, as primeiras 24 horas no calvário não foram ruins. Para relaxar, recuperar o peso e esvaziar o intestino (já cuidando da limpeza das tripas), o homem só bebeu água e tomou ducha. Pouco tempo antes do

abate, ele, junto aos outros, foi examinado, quem passava no exame ia direto para a fila do abate. Os doentes eram mortos separadamente, pois, se a doença fosse grave, incineravam seus corpos. Já no corredor da morte, o homem, ainda sem saber de seu destino, relutava em descobrir e sentia muito medo, pois lá no final da fila, só o que ele via era uma grande cortina que se abria, engolindo todos que por ali passavam. Do lado de fora, os bois, com muitas gargalhadas, empurravam os homens com bastões de choque em direção ao espetáculo que os aguardava.

Finalmente chegou a sua hora. Ao passar pela cortina, recebeu um tiro de pistola de pressão que perfurou o seu cérebro, o homem, então, desmaiou e, em menos de três minutos, ele foi içado pelos pés até ficar com a cabeça para baixo. Primeiro, um corte na pele do pescoço, depois, foi só chegar à jugular e pronto, o homem estava morto! No final, começaram o desmonte, a limpeza e a separação da carne.

Mas o que essa cena tem de incomum, já que todos os dias milhares de situações como essa acontecem? O homem, afinal, não é nada além de um produto da indústria alimentícia, que sequer tem sentimentos. No fim foi, ao menos, útil: tornou-se um belo pedaço de bife na mesa de bois por aí.





A noite inesquecível

Charliane da Silva Santiago
Tássia Mayara Tavares Sanches

Está tudo escuro, não vejo um palmo sequer à minha frente, enquanto ouço vários sussurros à espreita, todos de agonia. Eu, cansada de esperar, me levanto, não chego a dar dois passos para o lado direito e alguém me derruba.

— Oi? Desculpe, não estou vendo nada. Diz uma voz grave e sincera.

— Estou bem, não se preocupe. Respondo devagar, voltando ao lugar onde estava.

Após quinze minutos de espera, o filme começa. Só então, com a luz fraca de “Lucy”, percebo que não há ninguém sentado na poltrona do meu lado. Olho em volta para descobrir de quem poderia ser aquela voz que falou comigo mais cedo, mas não encontro ninguém me olhando, todos estão prestando atenção no filme, melhor eu fazer o mesmo.

O filme termina. Penso: — O que fazer agora? Não tenho ninguém para conversar sobre o filme e muito menos

para comer pizza antes de voltar para casa. Patetando até a praça de alimentação, bato, sem querer, de frente com alguém, olho para cima. Um homem alto toca meu braço, acho que me pergunta se estou bem. De repente, eu fico sem palavras, perdida no olhar dele; tudo se apaga.

Quando recobro a consciência, tem um cappuccino na mesa em minha frente e alguém segurando minha mão, me olhando. “Senhor, não permita que eu desmaie de novo!”.

— Olá? Digo sem jeito.

— Oi, que bom que acordou, pensei que teria que levá-la até a emergência. Risos.

— Oh! Não é preciso, obrigada. Respondi, lembrando ter ouvido a voz dele mais cedo.

— Qual o seu nome, então, bela adormecida?

— Meu nome é Sônia... E o seu?

— Mike. Acho que você foi descontar o empurrão de mais cedo, mas não deu muito certo, não? Novos risos.

Como havia pensado, é o cara de mais cedo. De duas uma, ele gosta de rir ou gosta de rir de mim, que seja a primeira opção.

— Não, não. Só não estava olhando por onde andava. Digo sorrindo.

Ele decide me levar em casa; lógico, eu aceito. Ao chegarmos, o silêncio começa a ferver por dentro, fico

nervosa, não sei o que acontece comigo cada vez que ele me olha. E a distância entre nossos corpos diminui, ele me beija e me abraça forte! Ui! Minha respiração fica ofegante, mas quem liga? Eu não...

— SÔNIAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

Alguém me grita!

Droga! Minha mãe me acordando de novo.



Algumas moedinhas

Raquel Assunção Pantoja
Vinicius da Silva Pinto

Era uma tarde de segunda-feira, numa cidade do interior, onde muitas pessoas têm o hábito de dormir depois do almoço, e eu não era exceção à regra.

Quando acordei, percebi que já eram quatro e meia. Peguei um susto ao lembrar que os Correios fechavam às cinco. Rápido, preparei as duas cartas que precisa enviar. Depois, peguei minha motocicleta gérbera-alaranjada e fui para a agência dos Correios.

Lá, peguei a senha 309. Havia só três pessoas para serem atendidas até que chegasse a minha vez. Enquanto esperava, escrevi um bilhetinho em uma das cartas. Escutei, então, o tran-tran! Levantei a cabeça e olhei para o marcador da senha, que exibia em letras vermelhas, enormes, o número 309. Era a minha vez!

Abri a mochila e peguei uma caixinha, dessas que vendem em armazéns. Ela fez um ruído tra...tra. Abri e fechei a caixinha. Retirei rápido a única nota que possuía, pálida

e surrada, de dez reais. Caminhei, então, até o atendimento. No caixa, pedi para o atendente pesar uma das cartas e me informar o valor do envio. Ele me respondeu.

— O envio mais barato custa cinco reais e quarenta centavos.

Pedi, é claro, o envio que era mais barato. Logo o atendente me informa:

— Sua carta chegará ao destinatário em até dez dias.

Na mesinha ao lado direito do balcão de atendimento, comecei a preencher os dados do remetente e do destinatário da outra carta, mas foi aí que percebi o problema: para que a carta chegasse ao seu destino, faltavam quarenta centavos. Poxa vida! Preciso de quarenta centavos. E agora? O que faço? Preciso enviar essa carta e não tenho quarenta centavos. Nem dá tempo de ir em casa. Pensei alto, enquanto aumentava minha tristeza por não ter essas poucas moedinhas!

Um guarda da agência via, imóvel, minha frustração. Fiquei muito envergonhada pela ceninha que fiz. Sabia que não poderia enviar a carta naquele momento, mas, mesmo assim continuei preenchendo, triste, resmungando baixinho, os últimos dados do destinatário da carta.

De repente, ouço o tilintar de moedas na mesa. Percebo o dorso de uma mão depositar algumas moedinhas em cima da mesa. Era o guarda!

Comovido, talvez, com a minha situação deu-me as moedinhas que faltavam. Quis recusar, mas ele apenas disse: — São só algumas moedinhas, virou as costas e voltou para o seu posto.

Alma de criança

Holene Carvalho Almeida
Kéttelen Mayara Tavares Brito

Existem épocas que são boas de lembrar, épocas que marcaram nossa vida, épocas superfelizes, e a minha preferida é a época da minha infância.

Ah, como é bom lembrar das brincadeiras de cantigas de roda, das disputas de corridas pra quem chega primeiro, não pra querer ser o melhor, mas pra não ser a mulher do padre. Lembro da brincadeira do pique-esconde, passa-anel e muitas outras. Foi um tempo em que para brincar não precisava gastar muito, porque uma lata de óleo, pneus velhos, tábuas e até meias viravam brinquedos e serviam para alegrar a garotada, bastava ter imaginação, e que imaginação a gente tinha! Que o diga a dona Maria do número 8, “tadinha”, abria a porta cada vez que tocávamos a campainha.

Gosto de ver as minhas fotos porque me fazem viajar no tempo relembando os momentos especiais que vivi. Ao lembrar percebo o quanto cresci, mas ainda guardo dentro de mim aquela vontade de ser criança.

Hoje as coisas mudaram, a criança já não brinca de boneca, de casinha com suas coleguinhas, porque a vida exigiu que ela parasse. A palavra simplicidade foi a primeira a desaparecer, saiu o simples e entrou o pobre. Pobre de espírito, pobre de humor, pobre de sensibilidade, pobre de imaginação.

A vida é mesmo um paradoxo, ela nos dá tantas coisas, mas não oferece nada do que realmente precisamos.

Quando crescemos, notamos que presente mesmo é poder ter sido criança.



As Flores

Amanda Ingrid Nogueira Freitas
Dhecik Caroline Duarte

“Elas sempre alegram o dia de alguém”, era isso que meu pai dizia há décadas e eu descobri que essas palavras eram verdadeiras, porque, toda vez que dava flores à minha esposa, recebia um singelo sorriso como agradecimento.

Durante a semana eu a presenteava com flores que simbolizavam alegria. Nas segundas, dava para ela tulipas-laranjas, nas terças, girassóis, gerânios nas quartas, e nos dias seguintes outras flores, todas com significados que se encaixavam com o momento em que vivíamos.

Depois das brigas, eu lhe estendia uma tulipa-branca ou uma camélia (dependendo da gravidade da situação). Em dias especiais, como no dia de seu aniversário, os arranjos com flores de cerejeira eram únicos; nas nossas bodas, que buquê melhor senão o de amor-perfeito? E, claro, lá estava o tão esperado sorriso dela, que transmitia a mais pura felicidade.

Gardênias e margaridas nunca faltaram nos criados-mudos ao lado dos berços onde nossos filhos ninaram.

Certa vez um deles me perguntou:

— Pra que tantas flores?



— Uma pessoa muito especial me disse uma vez que elas sempre alegam o dia de alguém.

Hoje, quando vou visitá-lo e vejo pequenas orquídeas no centro da mesa, percebo que ele também descobriu naquelas palavras a verdade das flores.

Quanto a mim, meus presentes já não são tão variados, depois que ela se foi Gersianas e Açucenas murcharam por dias em casa, elas significavam dor, tristeza e angústia , bem isto era o que eu sentia nos primeiros momentos. E quando a saudade aperta, reúno minhas Tulipas vermelhas e Miosótis em um volumoso buquê e o coloco em seu novo destino, um túmulo.

E agora, mais flores por quê?

Bom, elas tornam meus dias alegres, quando trazem em minha memória lembranças suas.



Cumplicidade

Dejanil Machado Arnaud
Elem Mendes Gonçalves

Era uma tarde de domingo e como de costume, passeava à beira do cais da cidadezinha à procura de alguma coisa que me fizesse sorrir. De repente, enxergo ao longe um vulto que parecia vir em minha direção. De fato, estava se aproximando de mim, e mal sabia ela que eu já a esperava há tanto tempo.

Descemos até a praia trocando olhares, eu a acariciava e a recíproca parecia verdadeira. Mais um caso de amor ali começava aparentemente com uma estranha, mas, ao mesmo tempo, muito familiar. Já tinha tido contato com outras, mas essa parecia especial. Novinha, cheirando a leite, ainda não tocada por ninguém. Estava eu, feliz da vida novamente, parecia que tinha renascido de um mundo de decepções deixando a solidão de lado e me aprofundando num novo amor. A partir daquele momento, não pensava mais em nada, tudo agora fazia sentido, voltaria a ser um homem feliz.

Estabelecemos um verdadeiro caso de amor, como

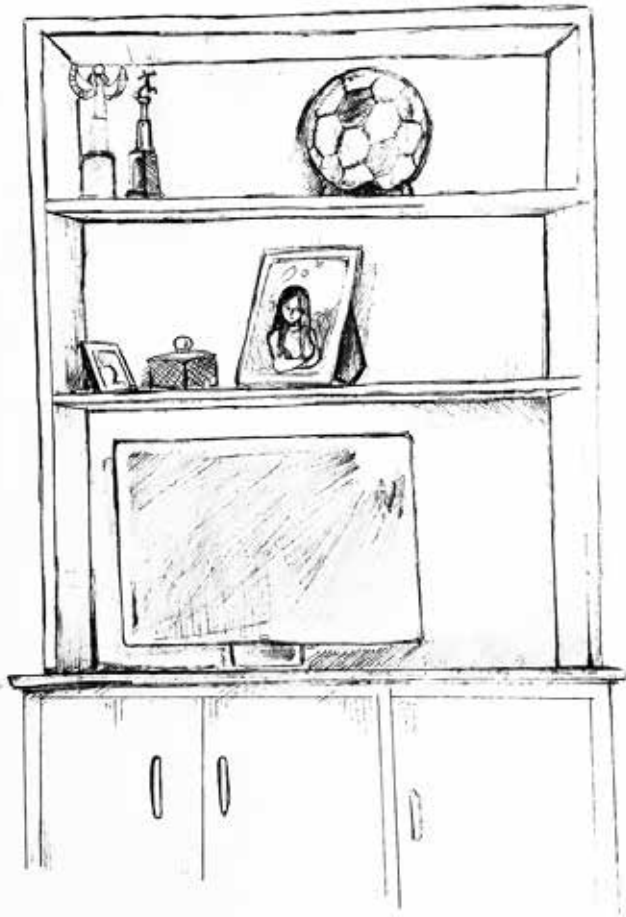
aquele dos contos de fada, onde tudo termina em felicidade. Ela e eu formamos um casal perfeito, inseparáveis, quase que todo dia íamos à praia nos divertir em companhia dos amigos. Todos a olhavam com bastante inveja. Modéstia à parte, formamos um casal perfeito.

Ficava imaginando até quando aquela felicidade ia durar, porque, se viesse a se desfazer um dia, — afinal de contas, há muito “olho gordo” por aí querendo o mal dos outros —, então pensava no que iria fazer. Bem, como isso não aconteceu ainda, deixa viver esse momento real, pois há tempo não sabia o que era sorrir e, hoje, sei que encontrei a felicidade.

O tempo passou e a cada dia mais apaixonados estamos. Já fazem dois anos que estamos juntos e ainda me lembro como se fosse hoje daquela bela tarde de domingo em que nos conhecemos.

Um bom tempo se passou e a diversão foi intensa, trocamos confidências, fizemos tudo o que um casal em harmonia faz. Hoje, já caminhamos para uma fase da vida onde um cuida do outro, ela, por ser frágil, exige que eu cuide dela do mesmo jeito que cuidava quando a conheci. Ela, sinto que quer me dar a mesma atenção que me dera quando mais nova, mas, infelizmente, isso já não é mais possível, seu aspecto físico já não permite que faça grande esforço. Ainda assim, continuo dando todo carinho que sempre dediquei a ela desde o dia em que nos conhecemos e nos apaixonamos.

Hoje, aposentado estou, levo a vida ao lado dela dando boas gargalhadas dos maravilhosos momentos em que passamos juntos, revivendo os dias de felicidades que tivemos desde a tarde em que fomos apresentados um ao outro. De vez em quando, de um lugar especial reservado na estante da sala, retiro aquela que sempre foi e será a minha eterna companheira dos finais de semana em companhia dos amigos nas peladas de futebol improvisado na praia à beira do cais: a minha querida bola de *beach soccer*!





Da desconstrução de sentimentos

Maria Cleane Almeida Baia
Nobuyasu da Silva Irie

Você

já ouviu falar em tristeza legítima? Não, não, reformulando a pergunta, você já ouviu falar em tristeza?

Supondo que você é um humano, você já deve ter passado por aquele momento de não querer apreciar o sol, por mais que você o ache lindo lá fora. E você muito hábil tentou espantar o mais rápido possível esse estado para bem longe. Esperto você! Num mundo onde você é obrigado a ser feliz o tempo todo, eu também não iria ser bobo de me deixar ser triste, ficar triste é para fracos, não é isso?

E agora... você já ouviu falar em felicidade? Essa, com certeza, todo mundo tem. Porque se você não tem, você é intimado a adquirir imediatamente! Mesmo que seja aquela que você dá gargalhadas sem querer sorrir, ou àquela! Essa é uma das mais cotadas ultimamente, a que vem dentro das garrafas, você toma e fica feliz, feliz; e quando acaba? Aí

temos as virtuais, apenas virtuais; divulgam-se fotos e fatos cheios de felicidade, ainda que virtual.

E o amor, a saudade? Esses dois hoje em dia, foram rebaixados. A categoria deles está abaixo da linha de discriminação e da tristeza. Quem sente amor, saudade não é digno nem de ser considerada uma pessoa fraca (coitado, mero mortal). É uma pessoa boba, só uma pessoa boba. Demonstrar amor? O quê? Falar que tá com saudade? Pra quê? Você vai ser rebaixado à categoria de mero mortal, sob pena de ser considerado humano!

Carinho e afeto? O que é isso? São gestos que foram crucificados faz um tempinho já, e, dessa vez, quem estava no meio da dupla era uma tal aí chamada gentileza. Ninguém quer saber dessa aí, porque é uma atitude que pode gerar alguma manifestação de humanidade, e ter humanidade remete a ter sentimentos. Sentimento é coisa pouca para super-humanos.

Super-humanos ou super-heróis? Ah não, mas até os heróis amam, Homem-aranha e Mary Jane, Superman e Lois Lane. Se eles são correspondidos? Isso não importa muito, ter sentimento já é o bastante para possibilitar o surgimento de novos sentimentos. Precisamos repensar a nossa ideia de humanidade, a empatia deu lugar ao desapego. Se você é indiferente a alguém, significa estar de acordo com a moda atual.

Viver triste é claro que não é o que se deve fazer para viver bem, mas ser obrigado a ser feliz sempre também não é

o melhor. Precisamos entender que a tristeza, que é legítima dos humanos em geral, às vezes, ela pode ser o caminho para sairmos da superficialidade das relações atuais e criarmos laços verdadeiros. A verdade dos super-humanos, na realidade, deveria ser a de ter super-sentimentos, meros mortais com sentimentos. Humanos que são felizes por quererem estar felizes, e que, na verdade, são fortes por não terem medo de parecer fracos, pois até os super-heróis têm sentimentos. Vamos reconstituir os sentimentos.



Droga de preconceito!

Laise Alves Meireles
Vilma Leão Santos

Era uma noite de sexta-feira, quando, voltando para casa, avistei Marcos, um amigo de infância, que, ao retornar do seu trabalho foi abordado por alguns policiais que faziam ronda no bairro.

No momento não entendi o motivo de tal abordagem. Parei para observar.

De repente, um dos policiais começou a revistá-lo, tocando-o dos pés a cabeça, foi nesse momento que o policial achou num dos seus bolsos um celular que, aparentemente, custou caro. Imediatamente, percebi no policial um olhar de desconfiança como se as suas suspeitas tivessem sido confirmadas.

Marcos também parecia não entender nada do que estava acontecendo, pois, era um moço humilde, honesto e trabalhador. Continuei a observar.



O policial, já quase convencido de suas suspeitas, fez-lhe algumas perguntas:

— Tá vindo de onde, rapaz? Em que tu trabalha? Como conseguiu esse celular?

O rapaz quis responder, mas, nervoso como estava, apenas gaguejava. O clima foi ficando tenso, até que, ainda trêmulo, respondeu:

— Tô vindo do trabalho. Sou pedreiro, e o celular é meu, eu comprei com o dinheiro que ganho trabalhando.

O policial, ouvindo essas explicações, ainda que duvidoso, liberou o meu amigo. Fui, então, logo ao seu encontro, e começamos a conversar sobre aquela situação. Ele, de imediato, me perguntou se ele tinha “cara de bandido”.

Foi a partir dessa pergunta que pude entender que ele só foi abordado na rua pelos policiais porque era negro. Por isso, hesitei um momento em responder, porque não era uma simples pergunta, na verdade, para ele possuía um valor significativo. Então eu disse:

— Droga de preconceito!

Maldita blusa

Layse Grazielle Rodrigues Rodrigues

Paula Camila Marques do Carmo

Ela chegara cedo naquela lanchonete, como sempre costumava fazer. Era seu programa de quase todas as noites, porque precisava, ou melhor, necessitava comer. Depois de tanto tempo sozinha, vivendo a solteirice, tinha encontrado um enorme prazer nas coisas simples e, principalmente, nas comidas, tipo essas que todos, ou quase todos, dizem ser bobagens, não saudáveis, e fazer mal pra saúde. Porém, pensava ela, que mal há em comer algo tão saboroso?

Chama o garçom e faz o pedido:

— Um *x-bacon*, por favor.

O garçom anota o pedido enquanto pensa: — Sozinha, de novo. É sempre a mesma coisa quase todas as noites. Chega, senta, faz o pedido, come e vai embora. Deve ter uma vida sem graça, mas o bom é que, pelo menos tem dinheiro pra comer.

— O suco de sempre? Pergunta ele, que na verdade já sabia a resposta.



A mesma espera de sempre e ela já se acostumou. Enquanto esperava, mergulhada em lembranças boas e em algumas até mesmo ruins, ela o nota. A algumas mesas à sua frente, ela percebe que ele a observava, e isso já havia algum tempo, na verdade, desde que ela chegara.

A moça parecia não acreditar, afinal, pensou: — Um cara lindo desse não pode estar olhando pra mim! Mas ele estava, com certeza estava. Bem que ela tentava disfarçar olhando para os lados, pegando o celular, mas sempre dando umas espiadelas pelo canto do olho, e chegou até mesmo a fingir que atendia uma ligação, vejam só. E ele para de olhar para ela? Que nada, parecia realmente interessado na garota.

Quase não contendo sua alegria, ela logo a pensa: — Será que hoje minha sorte vai mudar? — De repente, apesar da distância entre os dois, ela o vê dizer: — Você é linda! Ela falta pular da cadeira, e a euforia aumenta ainda mais quando ele levanta e vem andando em sua direção.

— Olá, boa noite. Tava te olhando dali e fiquei com vergonha de me aproximar, porque queria te perguntar uma coisa.

Ela, toda empolgada: — Pode perguntar!

— Ainda há pouco eu disse que sua blusa era linda, lembra? Eu tava aqui pensando no que dar à minha namorada de presente, quando vi você chegar pensei. Aí pensei: Essa blusa faz totalmente o estilo dela. Pode me dizer onde comprou?

O laço de fita

Rafaelly Ramos

Era mês de fevereiro, na estação mais chuvosa do ano no norte do país, quando uma mulher se viu em apuros dentro de uma grande construção, com muitos corredores e pessoas circulando a todo momento.

A mulher, aflita, se perguntava que lugar era aquele, quem eram aquelas pessoas e que diabos estava fazendo naquele lugar. Depois de alguns minutos ela conseguiu lembrar que tinha desmaiado antes de ir parar ali. Ainda estava um pouco tonta quando, de repente, apareceram dois homens e perguntaram:

— Pronta?

Ela, nervosa por ter sido pega de surpresa, não conseguia responder. Foi então levada para um lugar reservado.

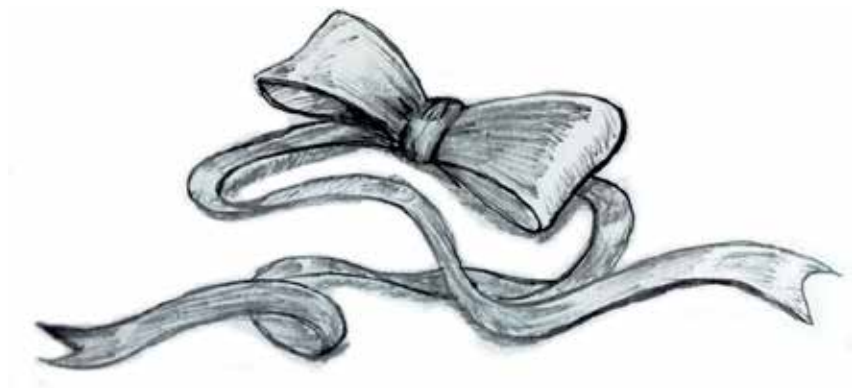
O tempo passava e ela ficava ainda mais tensa com a situação, queria gritar, correr, sair dali. Céus, pensou, porque ninguém a acudia? E começou a chorar. Mais dois homens entraram no quarto e lhe deram boa tarde, ela pensou: — Se

querem me fazer mal, porque estão sendo gentis? Foi quando um deles furou seu braço com alguma coisa pontiaguda e ela fechou os olhos até ficar inconsciente.

Quando despertou, estava deitada com os braços abertos e as mãos presas, mesmo com máscaras, toucas e luvas, reconheceu os homens que mexiam em seu corpo ensanguentado, golpeando-lhe com uma faca talvez. Tinham tomado cuidado para não serem reconhecidos por ninguém e não deixarem suas impressões digitais na vítima. A mulher não conseguia gritar, pedir por socorro, porque estava um pouco tonta, e o mais estranho é que não sentia seu corpo. Com certeza estava em estado de choque, por isso não sentia dor.

Na realidade tudo o que ela queria naquele momento era uma morte rápida e sem sofrimento, foi quando um deles pareceu tirar algo de dentro dela, e disse:

— É um laço de fita. Uma linda e preciosa menina!



O Namoro

Diana Vanessa da Silva Fernandes
Héder Sousa Dias

Tudo

começou, como diz o ditado, num “mar de rosas”. Como todo relacionamento no início, era muito amor entre dois corações apaixonados, e, assim, o tempo foi passando. Encontros noturnos aconteciam quase sempre, e era como se fosse um mar de emoções. Os beijos, os abraços, as trocas de carinho tornavam aquele momento único e especial, em que eles se envolviam em laços inquebráveis e queriam que aquele momento durasse para a eternidade.

Aquele relacionamento era como viver em um conto de fadas, tudo lindo, perfeito. Era com certeza a concretização do significado da palavra amor através de atos, palavras e sentimentos fortes.

A noite, por si só, já era apaixonante, e, com a lua, aquela lua gigantesca iluminando tudo, as estrelas brilhando, eram o cenário perfeito para um casal apaixonado realizar as mais perigosas loucuras, se é que tudo o que é feito em nome do amor é considerado uma loucura.

Durante o dia, os dois não se viam e a saudade era inevitável, porém era acalentada por conversas em um aplicativo de mensagem, mesmo assim a saudade continuava ali.

Amor forte, resistente a tudo e a todos, principalmente à saudade, que, quando não estavam juntos, apertava; mas, quando se encontravam, ficavam enclausurados num momento só deles, num mundo tão pequeno e ao mesmo tempo tão grande, do tamanho que eles imaginavam, do tamanho dos sonhos, dos seus sonhos.

Sins pra tudo, sem dificuldade pra nada, nem hora e nem lugar importavam quando queriam se amar; presentes fora de época esquentavam a relação, que mais quente que vulcão era, rindo à toa, felicidade total.

Em um belo dia ensolarado, as coisas tomaram rumos diferentes, conduzidos pela mentira e traição, aquele amor acabou, mostrando que nada é para sempre.



O vizinho

Gianni Silva Ribeiro
Renaldo Barroso Mendonça

Há anos moro no conjunto residencial Ilha Bela, onde pude observar o quanto o comportamento das pessoas pode mudar de modo repentino.

Tenho um vizinho que mora adiante duas casas da minha. Durante os quatro anos em que vivo nesse local, poucas vezes me cumprimentou quando nos encontrávamos na rua, não me lembro ao certo, talvez duas ou três vezes, no máximo.

Agora esse meu vizinho passou a me tratar de uma forma tão carinhosa, me dando mais atenção, me convidando para suas comemorações familiares, sempre com um sorriso largo e amigo, e também me cumprimentando com abraços tão calorosos, que me faziam pensar no que poderia estar acontecendo com ele. Por que mudara de uma hora para outra sua relação comigo? Teria ele mudado sua opção sexual. Porque, há de convirmos, era muito agrado exagerado depois de tantos anos de uma convivência desafável e agora tão próxima.

Para minha surpresa, olhem só, num dia próximo à chegada dos primeiros dias de outubro, o meu vizinho agora tão carinhoso e atencioso, que mais parecia um grande irmão, bateu em minha porta e me ofereceu uma camiseta e uns panfletos com sua fotografia e com números estampados neles. Foi aí que a ficha caiu e cheguei à conclusão do porquê da mudança de comportamento de meu amável vizinho. Pude, então, perceber como tal data, que se repete de quatro em quatro anos, é tão especial no mês de outubro, tornando-nos populares e ainda lembrados com tanto carinho e zelo por nossos vizinhos.



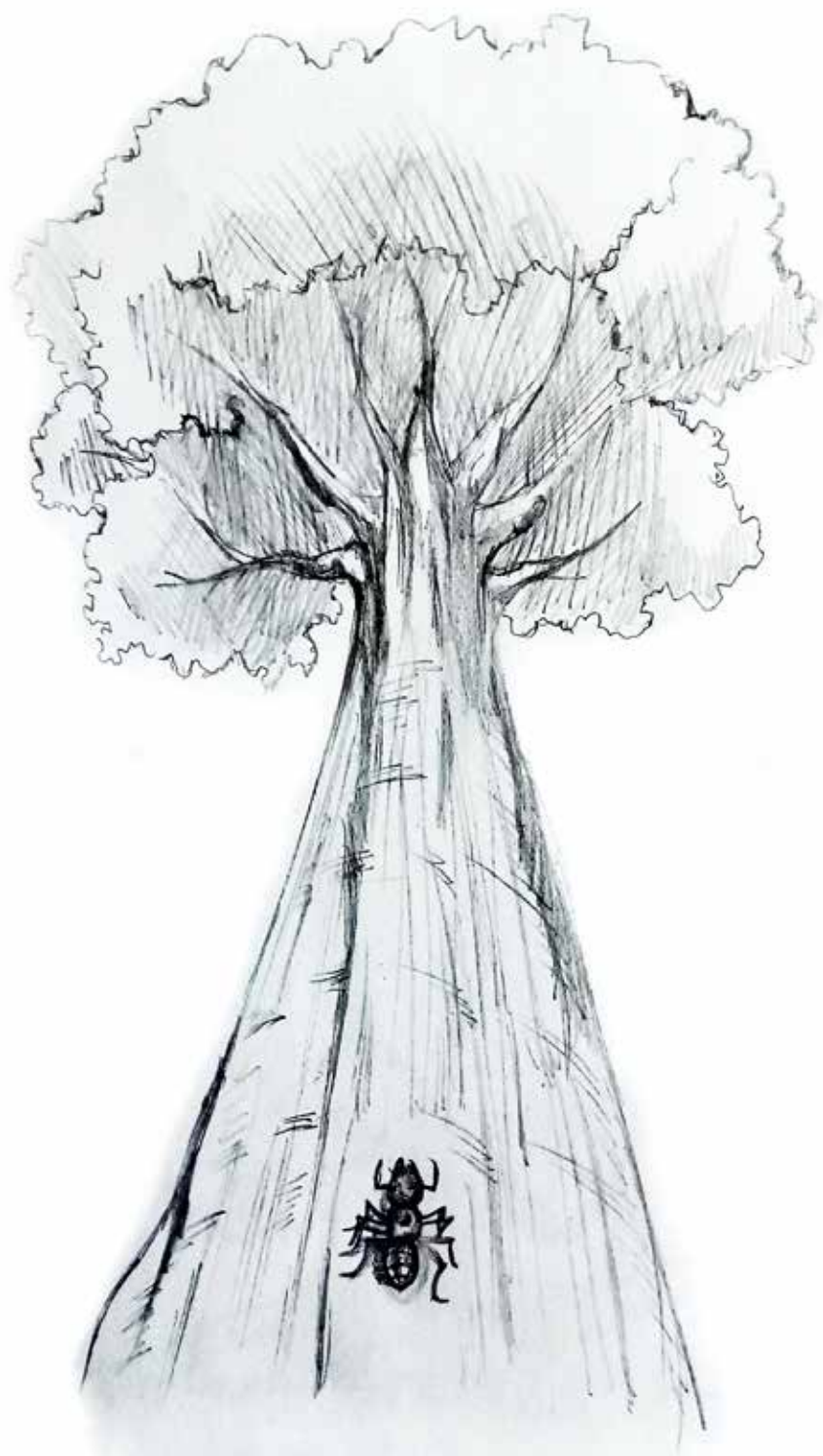
Pequena lição

Hellen Carla Cordeiro Cardoso

Kelly Cristina Viana dos Santos

A formiga Henriqueta morreu após escalar a árvore mais alta de sua Colônia, uma castanheira. Ao tomar essa decisão, todas as outras formigas debochavam e riam da formiguinha, já prevendo o que iria acontecer, pois sua última escalada a havia debilitado bastante. Porém, a vontade de ver além do formigueiro, de conhecer tudo o que estava ao seu redor, falou mais alto. Ela, então, partiu.

Henriqueta, aos seus onze anos de idade, era sempre muito corajosa, dizia que queria viver intensamente seu penúltimo ano de vida, fazer coisas diferentes. As façanhas dela me emocionaram; algumas bem-sucedidas, mas essa última, malograda. Aqui do meu canto, em cima da minha pedra favorita, fico meditando sobre os motivos que levam alguns seres a se superarem. Minha amiga já havia escalado a segunda árvore mais alta das proximidades da Colônia. Quis provar mais, fazendo a escalada sem alimentos e, ainda, no inverno. Além do mais, o que leva um ser pequenininho a querer vencer desafios assim?



Conhecendo minha amiga Henriqueta a resposta pra essa pergunta seria a seguinte: “— Meu caro amigo, é assim que a vida caminha. Se cada um apenas repetisse seu exemplo, ficando solidamente instalado no chão, sem tentar a aventura, ainda estaríamos sem onde morar, vivendo por aí, indefesos, servindo de comida pras outras espécies, comendo animais mortos e podres. Somos o que somos hoje devido a heróis que trocam a vida pelo risco. É bem verdade que escalar árvores, em si, não traz nada de prático ao resto de nossos irmãos e irmãs, que preferem ficar na cômoda planície da segurança”.

Mas o que há de lamentável e de louvável, é que a aventura de Henriqueta é a inspiração de ir mais longe, de superar marcas, de ir mais alto, desafiando os riscos. Mesmo que seja uma grande loucura. Seu exemplo e seu sacrifício são uma lição de luta, ainda que não vitoriosa.



Uma dor no vazio

Bella Lima
Karina Pereira Castro

Numa madrugada de agosto, vi minha mãe gritar de dor: “Ai, meu Deus! Ai, mamãe!”, enquanto era amparada por meus irmãos. Dois olhos tão pequenos choviam e faziam chover. Naquele momento, passei os olhos, ainda molhados, nas rugas que desenhavam o rosto de cinquenta e nove anos de mamãe. — Não se pode congelar o tempo. Encostei a cabeça no portão, enquanto assistia o carro branco partir.

Queria poder seguir em frente — como o tempo — mas nem cinco passos consegui dar. Olhei a televisão e não ouvia nada. Eu só pensava que não poderia viver sem aquela mulher de cabelos longos e pretos. Fiquei a imaginar um mundo sem mães. Bateu um desespero ruidoso dentro de mim. Queria que, por um descuido divino, elas fossem eternas. Passei algumas horas empurrando um choro goela adentro, até que adormeci.

Acordei com algumas batidas pausadamente doídas na porta do quarto. Era minha irmã pedindo que eu me arrumasse,

pois minha mãe tinha sido medicada e retornara para casa, mas que havia acordado sentindo dor novamente. Apanhei um agasalho no guarda-roupa, ainda triste e zozza. Tomei no colo um cobertor, pois, que madrugada fria em uma cidade onde, de dia, é possível fritar um ovo no asfalto.

O silêncio no interior do carro foi quebrado quando minha irmã olhou para mamãe:

— Mãe, onde dói exatamente?

— Dói meu vazio!

— Mas, mãe, como vou dizer isso ao médico?

Tampeei a boca imediatamente com as mãos, para que ninguém ali dentro ouvisse meu choro. Fiquei observando as duas, agora, olhando uma para outra, sem dizer mais nada. Minha irmã deve ter se perguntado: “— Como mamãe construiu aquela ideia?”. Com certeza, em seu tempo, todos compreendiam a profundidade daquela dor.

Não sei o que minha irmã falou na recepção do hospital, logo entramos em uma salinha onde minha mãe foi medicada. Nos minutos seguintes, ela dormiu como dorme uma criança, depois que é afagada pelos pais.

Faz pouco menos de três semanas do ocorrido. Estou há rios e estradas distante de casa. Uma distância que corrói dia após dia um pedacinho da alma.

Um dia desses ainda tomo um punhado de coragem e, sobretudo quando mamãe ligar à noite para saber se está tudo bem, direi com voz cansada:

— Mãe, desde que eu nasci, sinto uma dor devoradora bem aqui no meu vazio.



Este livro eletrônico é de livre distribuição,
podendo ser reproduzido, desde que mantidos
todos os créditos de seus respectivos autores.

Letras

de Primeira Viagem

Este livro reúne textos de jovens escritores, todos estudantes do Curso de Letras-Português da UFPA-Cametá, que aceitaram o desafio de transcender os limites de uma atividade acadêmica e participar desta primeira viagem.



CUNTINS-UFPA

**FACULDADE DE
LINGUAGEM**

Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA

ACERVO DIGITAL

Esta obra digital em formato PDF foi gentilmente disponibilizada por seu(s) autor(es), organizador(es) e/ou detentor dos direitos autorais para ser distribuída gratuitamente pelo Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA, por meio de seu WebSite Institucional **www.campuscameta.ufpa.br**

É permitido apenas seu uso pessoal, não comercial e, preferencialmente, para fins educacionais.

Esta cópia pode ser distribuída livremente, desde que seja mantida a sua forma original e também seja citada a fonte de onde ela foi retirada. Para republicação em outros sites da internet, solicitar autorização ao Campus do Tocantins/Cametá.

Questões relacionadas a direitos de autor, dúvidas ou outras questões podem ser dirigidas ao Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA por meio do e-mail **cameta@ufpa.br**

Boa leitura!